

A PERSPECTIVA SOCIOEDUCATIVA DE PAULO FREIRE, UMA PEDAGOGIA SOCIAL SOBRE LIBERDADE, AMOROSIDADE E PACIÊNCIA PEDAGÓGICA

Suzete Terezinha Orzechowski¹

Geraldo Caliman²

Resumo: A reunião de ideias aqui transcritas pretendem exercer uma forte ação de problematização aos leitores a partir das convicções de Paulo Freire, as quais iluminam a concepção da Pedagogia Social. Os conceitos aqui apresentados trazem a luz sobre a perspectiva socioeducativa da educação libertadora que prescinde de uma paciência pedagógica que conduz a autonomia.

Palavras-chave: Freire; educação; pedagogia; pedagogia social

Introdução

Gosto de ser Gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade.
(Freire, 1996)

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) educador brasileiro, construiu uma concepção de educação com a qual inovou o ensino da alfabetização para adultos. Seu processo foi levado para diversos países e reconhecido internacionalmente pelas 40 horas em angicos³, no ano de 1963. O trabalho pedagógico foi realizado por voluntários que passaram 40 horas interagindo a partir de uma abordagem da realidade, do contexto, da cultura dos 300 sujeitos adultos e jovens que foram alfabetizados. Essa foi uma das melhores façanhas de Paulo Freire e a partir deste sucesso com seus iguais, foi sendo reconhecido

¹ Professora no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro Oeste – Paraná, Líder do GETFOP-Grupo Educação, Trabalho e Formação de Professores cadastrado no CNPq, Coordenadora do LAPSU – Laboratório de Pedagogia Social da Unicentro, membro do Grupo Gestor da RePPed- Rede Nacional de Pesquisadores em Pedagogia. Membro do FORPED- Fórum Paranaense dos Cursos de Pedagogia. Participante do Movimento Nacional de Pedagogia. Email suziorzr@gmail.com

² Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação e Coordenador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília. <http://pedagogiasocial.net/>.

³ Disponível youtube <https://www.youtube.com/watch?v=ENks3CJeJ5E>

com mais de 25 títulos de “doutor honoris causa”, concedidos por universidades brasileiras, europeias e americanas. Recebeu diversos galardões como o prêmio da UNESCO de educação para a paz em 1986.

Esse homem brasileiro por essência e excelência, natural de Recife-Pernambuco, filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da polícia militar, espírita e de Edeltrudes Neves Freire dona de casa, católica, que bordava e tocava piano. Teve uma irmã, Stela, e dois irmãos, Armando e Temístocles. Esse pernambucano, virou cidadão do mundo atuou como professor em Harvard, foi consultor educacional em Genebra na Suíça, também em colônias portuguesas na África.

O passeio pelo mundo se deu logo depois de ser preso por 70 dias, por conta do golpe militar. Exilado viveu na Bolívia e no Chile, sempre se dedicou à educação e aos registros do seu pensamento. O momento de cerceamento da liberdade dos sujeitos está descrito no seu primeiro livro *Educação para a liberdade*, ideias retomadas mais tarde na *Pedagogia do Oprimido* e na sua última obra *Pedagogia da Autonomia* quando defende que ensinar exige liberdade de aprender e vice-versa.

O texto apresentado a seguir é um diálogo que busca otimizar o ânimo (alma, mente e coragem) para continuar o caminho que se faz passo a passo, cuidando uns dos outros. Com respeito as liberdades amparadas em autoridades, percorre-se possibilidades de construir a autonomia, as consciências emancipadas e a equidade social fundamentada no altruísmo e na tolerância imprescindível ao bem comum.

Liberdade como autoridade!

Para Freire a liberdade não existe sem compreender a ideia de limites. A libertação é o caminho para a disciplina e a autoridade é uma invenção da liberdade. Pois a partir das liberdades individuais descobertas em seus desencontros foi necessário trazer algo que fosse o seu contrário como a autoridade. Veja bem, que Freire distingue autoridade de autoritarismo e, defende que a autoridade se faz imprescindível para que TODOS e TODAS se façam livres, numa relação entre iguais. Somente quando existir um desequilíbrio entre as duas: liberdade e autoridade, tensionando a autoridade sobre a

liberdade aí nasce a robustez do autoritarismo. E, foi o que sucedeu quando da sua prisão e seu exílio, a autoridade tornou-se autoritarismo. Assim a liberdade não pode estar submetida a autoridade, nem tampouco a autoridade à liberdade. No primeiro torna-se autoritarismo e no segundo licenciosidade. A estas questões Freire dá muita atenção para aquele que ensinando também aprende e aprendendo também ensina. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, descreve a importância dessa relação entre liberdade e autoridade para o educador. Com este fundamento a educação libertadora de Paulo Freire continua vivificada em muitos educadores e também em duas instituições, destacadas a seguir.

Em 1955, junto com outros educadores fundou, no Recife, o Instituto Capibaribe⁴, uma escola inovadora que atraiu muitos intelectuais da época e que continua em atividade que contempla o trabalho com o estudante a partir da organização de situações didáticas do seu cotidiano que facilitem o desenvolvimento de competências e habilidades e a formação de hábitos que visam o desenvolvimento pessoal e da coletividade. As atividades propostas devem ter significados e servir para a formação do hábito de estudo e do desenvolvimento da autonomia. E o Instituto⁵ Paulo Freire está com suas atividades sempre em construção e divulgando as ideias e obras desse grande sujeito – educador, que como professor de língua portuguesa e da filosofia, tornou-se um dos educadores mais conhecidos no mundo.

As Obras, a palavra e o pensamento grávido de mundo

O livro lançado por Paulo Freire em 1968 – *Pedagogia do Oprimido* é das mais importantes obras de educação no mundo e foi construído a partir da sua experiência como educador vivida durante os anos de exílio passados no Chile, mas o seu primeiro livro foi *Educação como prática da liberdade*, em 1967 e a sua última publicação foi *Pedagogia da Autonomia*, em 1997. Este último livro escrito para apresentar aos educadores algumas chaves para uma pedagogia com *saberes necessários à prática educativa*. Este é um livro que resume as questões que o motivaram ao longo da vida e discute aspectos significativos da

⁴ Disponível em <http://www.institutocapibaribe.com.br/>

⁵ Disponível em <https://www.paulofreire.org>

educação como, por exemplo, o fato de que ensinar não é apenas transferir conhecimentos, trata-se de uma coletânea que em três capítulos fundamentam práticas pedagógicas do como ensinar. Neste texto, aqui socializado, as obras elencadas são:

Educação como prática da liberdade (1967)

Pedagogia do Oprimido (1968)

Por uma pedagogia da pergunta (1985)

Pedagogia da esperança (1992)

Pedagogia da autonomia (1997)

Entre vários colegas estudiosos de Freire, nacionais e internacionais, existe uma tríade de livros dele a ser respeitada e que embasa, integra e transita por toda obra freiriana: *Pedagogia do Oprimido / Pedagogia da Esperança / Pedagogia da Autonomia*. As ideias de Freire, tem uma boniteza espetacular entre metáforas e neologismos como quando escreve no livro *a Importância do ato de ler* que as palavras do povo são grávidas de mundo. Ou seja, as palavras que representam o mundo não são vazias, estão grávidas de mundo porque são significativas para o sujeito naquele contexto. As palavras do povo estão carregadas de valores, cultura, problemas, desafios, experiências, espiritualidade, energia (....). Assim alinhadas ao contexto real com sua dinâmica política, ideológica e existencial trazem saberes advindos das experiências, vivências, práticas e não podem ser menosprezadas fazem parte de cada sujeito. Aí está a importância da escuta, do acolhimento, da compreensão.

Portanto a leitura de mundo para Freire é afetuosamente um embrenhar-se na palavra do outro, para interpretar o mundo juntos. É ouvir com respeito e amorosidade a palavra que é significativa para cada sujeito. Quando se separa o mundo da palavra ou vice-versa, estamos diante de uma educação bancária. Neste contexto é importante perceber o quanto como educadores, assistentes sociais e todos os demais profissionais que trabalhem com o SER e o vir-a ser-endo, devem compreender, acolher e respeitar o que é o outro, o *ser mais* do outro.

É verdade que esse processo envolve sim os conflitos, as dificuldades e a alienação em que o outro foi submetido e, para retira-lo dessas amarras, dessas armadilhas é inegável a paciência pedagógica. Uma paciência e uma

perseverança de quem deseja a emancipação consciente do outro, o qual muitas vezes acumula anos de submissão, de massificação e de conformismo. Portanto o pensamento de Freire passa pela comunhão do pensamento e do mundo representado pelas palavras daquele que fala e daquele que ouve. A condição humana é uma construção que interessa a todos embasada no conceito de *outeridade*.

Neste contexto das ideias freirianas nenhum de nós é passivo, ou deve ser. Nossas palavras que promovem a leitura de mundo estão cheias desse mundo, com o óbvio do mundo. Freire trabalha com aquilo que está presente no mundo, na realidade vivida por cada sujeito e que muitas vezes depende da análise, da crítica que nos leva a autoavaliação contínua de nossa prática no mundo. Assim nos tornamos investigadores conscientes, autônomos buscadores das transformações necessárias do mundo e para o mundo, em nós mesmos e também junto aos outros com os quais comungamos. Aqui se estabelece o que podemos chamar de intervenções sociais dentro de uma pedagogia que é social. Daí a necessidade de compreender o negro e suas lutas, a criança e seus direitos, o adolescente e seus dilemas, o adulto e suas idiossincrasias, o índio e suas resistências, o camponês e suas necessidades, etc. O povo precisa ser compreendido e não massacrado.

Tais intervenções socioeducativas na ideia freiriana são fundamentadas no respeito, na amorosidade e na problematização do mundo. O mundo dado é um mundo dando-se! assim é importante decodificar o mundo e o sujeito que está no mundo a partir da escuta, observação, afeto, respeito, amor, compreensão e demais valores e ações que imprimem a justiça, a equidade e a cidadania em todo o tecido social. É preciso que haja em nós todos uma vontade de ler a palavra e interpretar o mundo. É importante perceber e compreender que muitas vezes a leitura do mundo e da palavra são enviesadas. Sim, enviesadas, desconexas, alienadas...Muitos de nós já tivemos a experiência de não perceber o que era verdade e quantas vezes ludibriado pela ideologia que se manifesta como a neblina em um amanhecer, percorreu um caminho inseguro e ardil. Freire descreve esse engano na pedagogia do oprimido. Escreveu ele que a ideologia é como o amanhecer nebuloso. talvez existam figuras – arvores ali escondidas, mas ainda não se pode decifrar totalmente o que a névoa esconde, até que amanheça. É preciso problematizar pois quando a palavra se

separa do sentido passa a ser palavrório de dominação, mi – mi- mi ou como escreveu Freire um blá-blá-blá. A palavra sem sentido gera massificação, alienação, conformismo outras vezes medo e acomodação. Pior que quando se fala bonito, mas, pouco se sabe daquilo que fala ocorre o palavrório que pouco significa a quem diz e na maioria das vezes é uma palavra do outro que não é igual a mim. Assim, o encantamento se dá, como no canto da sereia e quando acorda já está afogado. Outras vezes a partir do convencimento torna-se igual àquele que oprime e continua oprimindo os outros. Daí a problematização sobre um processo educacional que liberte e que emancipe. Daí uma Pedagogia que seja social e que priorize o sentido e o significado, a essência de ser e a substância que compor o vir-a-ser, sendo.

A pedagogia, a educação e o sujeito que é social

Portanto no itinerário de Freire aparece sempre essa luta entre o teórico e o prático, ambos como lados da mesma moeda, mas que não estão apartados pelo metal e, sim se tornam uma amálgama onde acontece o tempo todo a dinâmica da *práxis*, em relação constante, um *moto continuo*. Decorre assim uma construção fenomenológica da dialogicidade que Freire traz para o campo da compreensão e do acolhimento ao outro onde aprendemos e somos aprendizes, onde quem ensina também aprende, onde quem acolhe também é acolhido, quem ama também é amado, quem respeita também é respeitado, quem compreende também é compreendido. A intervenção como educadores, se faz então fundamentada também em um processo de ver no outro o melhor que ele tenha e a transformação que se possa realizar dentro do contexto onde se insere. O verbo esperar se junta ao verbo transformar que muda a realidade quando for importante que essa mudança aconteça. Porque quando existe o sofrimento é preciso que o sujeito se livre daquilo e possa continuar sem qualquer mal-estar. Se ainda for impossível a mudança de uma determinada situação que pelo menos nossas intervenções possam dar condições para que cada um se autoavalie e evidencie ações a partir de si com seus pares para melhorar a existência no mundo e que não venham a sofrer mais à frente. Essa é uma dimensão política do esperar.

Então a pedagogia da esperança marca um processo de crítica à ideologia neoliberal contrapondo-se ao treinamento técnico, à adaptação, à manipulação e massificação. O que Paulo Freire sempre desejou é a conscientização dos sujeitos, que segundo o Dr. Juliano Peroza⁶ estão em três fases:

- 1) Consciência intransitiva: quando existe a alienação completa do oprimido aderindo ao opressor;
- 2) Consciência transitiva quando o homem e a mulher se percebem no mundo, situados no mundo, identificando a mundalidade, sintonizados numa mesma época;
- 3) Consciência crítica ou transitivo crítica aquela em permanente processo de reconhecimento de si e de transformação do mundo.

Aqui se chama a atenção para as considerações de Freire que muito transparente e cheio de esperanças, revela-se em uma efervescência utópica que precisa ser repartida e compartilhada atualmente com as marchas pela vida, pela existência, pela garantia de direitos, junto às análises sobre a indignação que mostram no dia a dia o enviesamento do mundo. As palavras ainda não encontram sentido e a intolerância se instala junto com o autoritarismo. Não é possível o diálogo?!

O diálogo é possível. Importa criar a consciência intransitiva intransigente, como bem destaca Dr. Peroza. Urge esperar contra as cegueiras do diálogo, da palavra sem sentido e do mundo sem significado. É imperioso atravessar os muros nebulosos que as vezes são cinzas de um vulcão, obscurecendo a realidade e trazendo certezas enganosas diante das crises do mundo atual. Vale a pena arriscar? duvidar? perguntar? esclarecer? iluminar? analisar? Sim, Vale a pena analisar, pensar, problematizar e se valorizar como seres sociais que aprendemos na convivência, nas relações, nas trocas, nas partilhas, homens que em comunhão se identificam, se transformam e se tornam cada vez mais humanos, justos, solidários e grávidos de mundo são cidadãos.

Freire e a Pedagogia Social

⁶ Evento virtual para alunos do terceiro ano de Pedagogia da Unicentro no Campus avançado de Chopinzinho/Pr.2020. A UNICENTRO esteve e está em processo remoto desde a pandemia por COVID-19, desde Março de 2020.

Em seu livro “Educação como prática da liberdade, Paulo Freire elenca os pilares de seu sistema: a não neutralidade da educação; a necessidade de ensinar em favor dos mais pobres; o diálogo como método de educar; a conscientização de educadores e alunos sobre os problemas sociais como via para a transformação da realidade” (HADDAD, 2019, P. 91). São todos princípios que emergem da e inspiram a dimensão social da educação e que têm a ver com a aplicação da prática educativa voltada à transformação social, à inclusão social, à participação dos cidadãos na sociedade.

Freire certamente nunca pensou em desenvolver um pensamento ligado à Pedagogia Social. Nós é que, fazendo uma releitura de seu pensamento, conseguimos identificar os pontos em comum que se revelam ao longo de seus escritos, com as ideias convergentes com a dimensão social da educação. Na verdade, ele não teoriza uma Pedagogia Social, mas com sua prática conseguiu influenciar o estilo de fazer educação social no Brasil. O seu conceito de conscientização, por exemplo, temperado com a natureza política inerente à prática educativa, constitui-se em um processo mais que adequado à leitura do mundo circunstante, voltado à consciência dos riscos e à abertura a novas perspectivas para o desenvolvimento da cidadania. De fato, o processo de tomada de consciência possibilita uma compreensão, uma leitura crítica do mundo, e esta à desnaturalização do fatalismo e, de consequência, à indignação provocadora da necessidade de mudanças. Sua pedagogia (social) revela-se com uma perspectiva transformadora, na perspectiva da mudança de situações nas quais o sujeito aceita e naturaliza o destino para situações em que aceita engendrar perspectivas e leituras novas e libertadoras do mundo circunstante. O desenvolvimento do senso crítico é um fundamento da pedagogia social, o qual já foi trabalhado sob a ótica da transformação, a qual requer de cada sujeito uma ação sobre a sua existência no mundo, junto com os demais. (Caliman, 2010). Daí a ideia Freiriana de promover e apoiar o desenvolvimento da consciência sobre a realidade. A tomada de consciência favorece a autonomia, da qual se irradia pensamentos e práticas cada vez mais positivas e adequadas para enfrentamentos sobre os desafios apresentados pela realidade social. Assim cada sujeito vai se construindo e ajudando o outro a ser também história. (Ghiggi, 2010).

Embora o próprio Paulo Freire –reconhecemos – não tenha usado o termo Pedagogia Social, toda sua obra é orientada para um único propósito: desenvolver no ser humano a vocação de ser mais, tendo como pressupostos teóricos e práticos para a transformação social a liberdade, a autonomia, a emancipação, a consciência de si, do outro e do seu lugar no mundo. A incontestável solidez da epistemologia freiriana, seu inconfundível comprometimento com a causa dos “esfarrapados do mundo”(FREIRE, 1970) e sua inquebrantável convicção de que a Educação deve libertar não apenas o oprimido, mas também o opressor é capaz de dar feição própria à Pedagogia Social livrando-a, por exemplo, do estigma que a marca em todos os demais países, de ser ela destinada apenas ao universo dos excluídos e à marginalidade social. (SILVA, p.189, 2016)

A Pedagogia Social ancorada nos fundamentos freirianos traz ao processo educacional e educativo, em todos seus níveis, modalidades e contextos de oferta, a realização de uma educação emancipatória. Assim promove os sujeitos que se humanizam e se libertam das mazelas históricas de dominação étnica, racial, cultural, política e econômica, da subjugação, da negação do direito do outro em ser mais, da desumanização e da falsificação da história. (SILVA, 2016).

Em uma sociedade com suas idiossincrasias que integram uma amálgama abundante, refletida na diversidade da formação de um povo, é o Brasil rico na composição da *mundalidade* onde se constroem os sujeitos. Diante dessa realidade que vai *dando-se*, os homens e mulheres tornam-se sujeitos que leem a realidade e a dinamizam com suas ações voltadas a administrar os riscos, as vulnerabilidades e as necessidades. Para tanto é imprescindível o exercício da liberdade, da autoridade, da autonomia e da consciência sobre a realidade. Neste contexto a Pedagogia Social promove o homem a *ser mais*, pois, para Freire os sujeitos são seres inconclusos, num *vir-a ser, sendo*.

Diante deste contexto de incompletude e de uma sociedade diversa as ideias de Freire tornam-se fundamentais para a pedagogia social que contempla as dimensões da prevenção, da reparação e da intervenção. Assim é imprescindível que no trabalho pedagógico entre professores e educadores sociais a concepção da pedagogia social se instale nas práticas educativas e educacionais, escolares e não escolares. A humanização do homem passa pela educação, pelo diálogo, pelo respeito e amorosidade de uns com os outros. A educação para Freire se processa na liberdade que se sustenta na autoridade das leituras que impregnadas das realidades dão significado e sentido para as

práticas sociais. Uma educação que ao buscar o sentido passa a significar na vida vivida o reflexo do sentido, como num rio:

A primeira margem trabalha com a sociabilidade, ou a capacidade que o homem tem para desenvolver as próprias habilidades sociais, a dimensão social da personalidade, a capacidade de conviver e de relacionar-se com os outros. de adaptar-se e construir relações entre os seus pares. A segunda margem trabalha com a educabilidade, ou capacidade do ser humano de ser educado. A educação é uma ação intencionalmente orientada para ajudar os indivíduos a adquirirem atitudes, conhecimentos e valores que os prepare para a vida.(CALIMAN, p.351, 2016).

Este processo identifica uma nova proposta de fazer a educação a qual condiz com os fundamentos freirianos e consolida a Pedagogia Social no Brasil, como a Educação Popular, Comunitária e a Educação de Jovens e Adultos. É a pedagogia social uma educação permanente, para todos. É uma educação que elabora e concretiza a liberdade dando autonomia aos sujeitos que se entrelaçam e se interrelacionam construindo sentidos ressignificando o mundo, aproximando as duas margens do rio.

Ponderações finais

Nos momentos de crise a indignação e a denúncia daquilo que vai contra a humanização é uma necessidade daí a proposta do inédito viável. Dentro das possibilidades continuar caminhando é imprescindível. As evidências da pandemia trouxeram afirmações óbvias como: ciência é ciência! A todos cabe continuar afirmando o óbvio. Estudos na obra de Paulo Freire confirmam a humanização e a educação libertadora esperançosa, com autonomia. Temos que atravessar a intolerância e a mentira. É preciso ser mais e melhor do que aqueles que se fazem impostores.

Ser mais humano e saber conviver e viver nossa humanidade dentro do planeta terra, apenas para lembrar que fazemos parte de um todo, de um meio ambiente que nos acolhe ou nos repele. É preciso problematizar o mundo e a humanidade. O que queremos ser e o que não queremos ser? Esse é o convite a partir do legado que Freire construiu!

Referências Bibliográficas

CALIMAN, Geraldo. (2010) *Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador* - *Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO - UNISAL* - Americana/SP - Ano XII - Nº 23 - 2º Semestre/2010 p. 341-368.

FREIRE, Paulo. (1997) *Educação como prática da liberdade*. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra

_____(1985)*Pedagogia do Oprimido*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

FAUNDES Antonio.(1985)*Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

_____(2006)*Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

_____(2000) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7ªed. São Paulo: Paz e Terra.

_____(1989)*A importância do ato de ler*. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez.

HADDAD, Sérgio. (2019) *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia.

PASSOS, Luiz Augusto. (2010) *Voz Leitura do mundo*. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.) *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

PEROZA, Juliano. (2019) *Pedagogia do Inédito Viável: o pensamento utópico Freiriano e a formação de professores*. Chapecó-SC: Editora livrologia.

DA SILVA, Roberto (2016). Os fundamentos freirianos da Pedagogia Social em construção no Brasil. *Pedagogia Social. Revista Interuniversitária*, 27, 179-198. DOI:10.7179/PSRI.

GHIGGI, Gomercindo (2010). *Voz autoridade*. In STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.) (2010) *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.